

Contos da Água e do Vento

Recontos

FERNANDA DIAS*

APRESENTAÇÃO POR STELLA LEE SHUK YEE**

ILUSTRAÇÕES DE VICTOR MARREIROS

APRESENTAÇÃO

Da sua nova colectânea de curtas histórias, “Contos da Água e do Vento”, Fernanda Dias traz-nos estes dois contos reescritos a partir de outros tantos *Tang chuanqi* (romances da dinastia Tang, 618-907), narrativas por sua vez elaboradas a partir de relatos do período das “Seis Dinastias” (222-589) sobre factos históricos, prodigiosos ou fantásticos, casos de amor, episódios de cavalaria ou da vida dos letrados.

Não existe na China literatura de ficção antes da dinastia Tang. A escrita conhecida dessas épocas

consiste somente em registos escritos na primeira pessoa. Só a partir da dinastia Tang aparecem os primeiros romances de cavalaria e contos de aventura com nítida intenção ficcional, imaginação elaborada, linguagem refinada, descrições detalhadas e ricamente coloridas. A estrutura dessas histórias é coesa, com enredos complexos e personagens de caracteres bem marcados. Na trama da ficção encontramos obviamente entretecidas cenas da vida rural, conflitos da sociedade feudal e fábulas de conteúdo moral, produto das mentalidades confucianas da época.

Se bem que na primeira metade da dinastia Tang fossem praticamente ignorados, ganharam importância a partir do seu meado e desempenharam um papel importante no desenvolvimento da literatura de ficção. Os *Tang chuanqi* partilham algumas características com os romances de outros países da mesma época: aventuras de guerreiros, dramas amorosos, por vezes entre humanos e imortais, e uma diferenciação precisa entre personagens bons e maus.

Estes contos que Fernanda Dias nos apresenta não são meras traduções, mas recriações da autora, assim, nenhuma marca visível distingue estes contos como sendo *Tang chuanqi*.

Analisemos mais de perto os contos “O Segredo de Sie Siao-Ngo” e “O Enigma do Macaco Branco”. Não vou deter-me na comparação da presente versão com o texto original. Vou antes analisá-los no contexto da obra de ficção da autora. De certa maneira, uma boa tradução pode ser encarada como uma nova criação.

Sie Siao-Ngo: uma mulher aparentemente fraca, “uma frágil figura feminina... nimbada de densa melancolia”. Orfã de mãe aos oito anos de idade, mal saíra da adolescência quando salteadores a coberto da noite lhe matam o pai e o marido. Perseguida por um destino implacável, torna-se mendiga, mais para angariar informações do que para garantir a sobrevivência, até encontrar trabalho como servente em casa dos inimigos. Assim se processa uma gradual e dramática transformação, de filha obediente e esposa tímida, sem peso nem estatuto na sociedade até se tornar no eficaz e misterioso administrador dos bens dos bandidos. Uma força oculta, uma firme consciência do dever e um árduo ascetismo, vão conduzi-la à destruição dos dois homens armados de poder e riqueza.

* Fernanda Dias reside em Macau desde 1986, onde é professora na Escola Portuguesa de Macau. Orientou Cursos de Gravura na Oficina de Gravura “Bartolomeu dos Santos” e no Instituto Politécnico, em Macau. Expõe regularmente pintura desde 1998. Autora de diversas obras de poesia e de contos.

Fernanda Dias has lived in Macao since 1986, and is a teacher in the Portuguese School of Macao. She directed Engraving Courses in the “Bartolomeu dos Santos” Engraving Workshop and in the Instituto Politécnico, in Macao. Her paintings have been regularly exhibited since 1998, and she is also the author of poetry and short stories.

** 李淑仪 Doutorada em Literatura Comparada, Universidade de Jinan, Cantão. Chefe da Divisão de Estudos, Investigação e Publicações do Instituto Cultural do Governo da RAEM.

Ph.D. Comparative Literature, Jinan University, Guangzhou. Head of the Studies, Research and Publications Division of the Cultural Institute of the Macao SAR Government.

Para Fernanda Dias a mulher aparece sempre sob o signo da água: doce, dócil e flexível. Como a água que se adapta à forma do recipiente, assim a mulher se molda ao ambiente onde vive, mas, também como a água, possui uma força vital avassaladora, por vezes destruidora, na sua lenta e persistente capacidade de infiltração.

São assim as personagens de Fernanda Dias: mulheres que não enfrentam resolutamente os problemas, mas que conseguem vencer a adversidade. A flexibilidade oposta à brutalidade. Não no momento, mas com o tempo; não em sociedade, mas na íntima, resistente, solidão. “O fraco vence o forte, o suave vence o duro” (*Tao Te Qing*). As mulheres de “Dias da Prosperidade” triunfam sem deixar rasto: “...como uma bandeira de submissão entro no hotel arvorando orgulhosamente uma melancia”. (“Sai-Kuá”, *Dias de Prosperidade*, Instituto Cultural de Macau, 1998)

“O Enigma do Macaco Branco” propõe uma visão diferente: a força que apresenta é a força sobre-humana que se reclama “divina”, é o poder masculino. A história conta a aventura de um general e da sua escolta em demanda da esposa raptada por um macaco mítico. Não sei se foi por acaso que Fernanda Dias escolheu este conto para incluir na sua colecção de recontos, mas, de qualquer modo, está claramente representado um outro mundo, onde sopra “um vento”: “...com mil cautelas do general em volta da sua dama, até que, num fim de tarde soprou um vento lúgubre levantando poeira sufocante como um mau presságio...”, “...pela noite adiante silvou o vento estranho... a dama tinha desaparecido”, onde guerreiros (humanos) lutam contra um semi-deus simiesco: “espadas que voavam num turbilhão de relâmpagos” – cada cena tão vívida e vibrante como o “tufão” que descreve.

Deixando o símbolo do vento, o conto “O Macaco Branco” (primórdios da dinastia Tang, anónimo) serviu na literatura chinesa como modelo para novelas do sobrenatural e de aventuras, porventura pelo insólito da relação de uma mulher (ser humano) com um macaco (ser sobrenatural).

Encontramos mais frequentemente a situação oposta: uma raposa, ou uma serpente, transformam-se numa formosa mulher para atrair um letrado. Aí a mulher desempenha o papel de demónio tentador; ao homem cabe o papel de humano incauto e vulnerável aos encantos do Oculto. Sendo que na concepção chinesa o Diabo é *yin* (feminino) e o Homem é *yang* (masculino). Ora, neste conto, o humano é desempenhado pela mulher e o “espírito sobrenatural” (divino) é masculino. O que está em causa é a relação entre humano e divino, e não a relação entre diabólico e humano. A crença chinesa dividia o universo dessa maneira – o divino, o humano e o demoníaco. Qualquer desses mundos podia interferir no outro e, por vezes, dessa interpenetração, dessa mistura de dois mundos surgia uma descendência. A dinastia Tang foi marcadamente influenciada por culturas de outros países. Foi um período rico e de variados contactos com outras civilizações.

Os *Tang chuanqi* foram escritos em chinês clássico (poucas palavras e sem pontuação); hoje em dia, para se compreender bem a história é preciso recorrer a uma versão anotada. Fernanda Dias não sabe ler chinês, mas a maneira como recontou estas histórias em português não deixou empalidecer a beleza destes textos e reflecte o ambiente de mistério da China antiga no conto “Sie Siao-Ngo” e a atracção pelas forças ocultas da natureza em “O Macaco Branco”, assim como não se perdeu o ritmo de falar/contar.

Não podemos esquecer que os *Tang chuanqi* são histórias para o povo; assim as entendeu Fernanda Dias, que conseguiu captar essa maneira de dizer, de modo que sentimos como se a autora por si mesma as transcrevesse directamente da versão original.

Afinal, pouco importa que tenha dado a esta colectânea de recontos o nome de “Contos da Água e do Vento” por coincidência ou por afinidade com os símbolos clássicos da água e do vento. Acredito até que haja ainda outras razões. Sei, porém, que estas presentes versões irão proporcionar aos leitores, sejam eles portugueses ou chineses, um genuíno prazer. **RC**

羅漢齋

羅漢齋

唐驪山宮圖上

南

行國古

飛

百傳

明

石

飛



À Dra. Ana Paula Laborinho, que viajou comigo nestas histórias.

“Cada vez que viajo, viajo imenso.”

Fernando Pessoa

O ENIGMA DO MACACO BRANCO

No fim da era conhecida por “Grande Igualdade”, instaurada pela dinastia dos Liang, o Imperador tinha encarregado o general Lin Qin de pacificar o Sul. No ano 545, Lin tinha já atingido Guilin e desfeito as forças rebeldes de Li Shigu e de Chen Che.

Entretanto, o seu lugar-tenente, o general Ouyang He, conquistara as terras que se estendem até Chang Le, pacificando as tribos das grutas e penetrando profundamente em território inóspito. Numa noite de lua cheia em que Ouyang He conversava e bebia com alguns oficiais no terreiro do acampamento, um deles disse atrevidamente:

— Meu general, que imprudência teres trazido a tua esposa para este fim de mundo! Toda a bravura e devoção dos teus homens não será suficiente para a proteger de um monstro divino que anda à solta por estas serranias. Se é como dizem as gentes daqui, cedo descobrirá que temos uma mulher de pele fina e de grande formosura entre nós. É certo que ele rapta inúmeras raparigas dos povoados, mas tem preferência por damas finas e eruditas, como é obvio, sendo ele uma poderosa divindade.

Vexado por um oficial lhe ter feito uma advertência, tocando no seu ponto fraco, mas grato por poder assim tomar precauções, o general fez rodear a tenda por um cordão de homens de armas. Desde o cair da noite a esposa abrigava-se numa alcova secreta cuidadosamente fechada a cadeado, com uma dezena de servas encarregadas de a vigiar.

Assim decorreu a vida, com mil cautelas do general em volta da sua dama, até que num fim de tarde soprou um vento lúgubre, levantando poeira sufocante como um mau presságio. Pela noite adiante silvou nas trevas sobrenaturais da lua nova o vento estranho e todos se aconchegaram no abrigo das tendas. Quando, ao romper da alva, o vento amainou, caiu um silêncio tão pesado que emudeceu as aves da madrugada.

Os guardas dormiam armados e as servas guardiãs enoveladas sob as musselinas dos mosquiteiros, todos jaziam nas malhas de uma fadiga espessa. Eis senão quando ecoou um grito breve e angustiado. Um jovem escudeiro vira algo indescritível rasgando a bruma e dava o alarme. Mas era tarde: a dama tinha desaparecido. Mais ninguém vira nem ouvira o feitiço e barras e fechaduras permaneciam invioladas. Podia compreender-se como tinha o deus entrado, cavalgando no vento, mas não como tinha feito sair a bela dama, sendo ela de carne e osso. Nascia o dia quando iniciaram as buscas. Na frente do acampamento erguiam-se escarpadas montanhas, sem atalhos nem estelas indicativas, bastando alguns passos para nelas uma pessoa se perder.

No auge do desespero, Ouyang He praguejava de fúria, jurando não regressar à capital sem levar a esposa consigo. Decidiu, então, manter o exército acampado naquele lugar, pretextando doença, e planeou cuidadosamente as buscas.

Todos os dias fazia partir expedições, do fundo dos desfiladeiros ao alto das escarpas rochosas, tudo era esquadrihado com rigor.

Mais de um mês decorreu até que um soldado encontrou a trinta léguas do acampamento, atrás de uma mata de bambus, um sapatinho enlameado e desbotado, mas onde ainda era reconhecível o bordado de peónias em botão. Sim, disseram as aias, era um sapato da dama sumida.

Ora taciturno ora raivoso, doente de consternação, o general desafiava o deus com surdas imprecações e instigava os homens exaustos a prosseguir as buscas. Ele mesmo nomeou uma escolta de trinta homens destemidos e lançou-se nas matas, mais firme e determinado do que nunca. Levou também o jovem escudeiro, o único a ter visto na ondulante crispação da bruma a manifestação da besta. Pernoitando no recôncavo das falésias, escrutinando o terreno com olhos argutos, chegaram ao fim de dez dias ao sopé de uma montanha verdejante, circundada por uma torrente fresca e cristalina. Juntaram troncos, ligaram-nos em jangada e assim chegaram à outra margem. Viram-se então perante uma parede vertiginosa de rocha abrupta que escalaram, trepando sobre o abismo com a ajuda de vigorosas lianas e vinhas silvestres. No planalto encontraram um bambual onde a luz cor de esmeralda recortava contra o céu a renda da folhagem dourada. Rumores e risos ecoavam sobre os precipícios.

LITERATURA

Para além dos caules esguios entreviram o brilho escarlata de vestes de seda. Então, mais que do mistério, os soldados conhecidos nas batalhas como os “sem-pavor”, tiveram medo da beleza irreal.

Avançando cautelosos, descobriram um bosque magnífico emoldurando um jardim de arbustos raros. Frangipanas, tulipeiras-rubras, cássias, sariteias e rosas-do-Sião juncavam de branco, violeta e tons de fogo uma relva densa e macia como um tapete. Os homens abrandaram a tensão, respirando profundamente os aromas, numa atmosfera tão pura e fresca que dir-se-ia de um outro mundo. Na rocha a pique abria-se uma vasta gruta. Pela larga abertura, virada a leste, saíam e entravam mulheres sumptuosamente vestidas, em tranquila e alegre tagarelice. Encarando os intrusos, algumas pararam para perguntar:

— Como puderam aqui chegar? Quem procuram entre nós?

O próprio Ou Yang He fez questão de lhes responder, descrevendo com detalhe as circunstâncias do rapto e o aspecto da amada desaparecida. As jovens entreolharam-se suspirosas e disseram:

— Saiba Vossa Senhoria que, na verdade, a vossa ilustre esposa está aqui há mais de um mês. Por sinal nestes últimos dias não sai da cama por estar muito indisposta. Como achamos que lhe fará bem ver-vos, vamos levar-vos até ela.

Dito isto fizeram o general entrar por uma porta de pesados batentes de madeira de ácer. No interior, espessas paredes escavadas na rocha viva formavam três espaçosos salões. Ao longo dos muros viam-se divãs baixos cobertos de ricos brocados. A esposa de Ouyang estava estendida num leito de pedra esculpida, recoberto de espessas esteiras e belas sedas acolchoadas. Iguarias e frutos intocados estavam dispostos em volta dela, em bandejas de ouro e preciosas lacas. Pálida e enjoada, a dama, ao ver o marido, lançou-lhe um olhar enlanguescido, fazendo-lhe um desabrido gesto para que se afastasse...

As jovens cativas, comovidas com o penar do general, explicaram o seguinte:

— O ser divino que habita este lugar tem uma força mortífera. Cem robustos mancebos coraçoados e armados não seriam capazes de o dominar. Mas algumas de entre nós estão aqui prisioneiras há dezenas de anos e aprendemos algo sobre o nosso raptor. Se lhe conhecemos o poder e a força, também lhe observamos as fraquezas. Traz-nos dois tonéis de excelente vinho,

dez cães bons para comer e algumas dezenas de metros de cordas de cânhamo, e nós te ajudaremos a derrotá-lo. No entanto, terás de chegar ao meio-dia em ponto, não mais tarde e nunca mais cedo. Ele aprecia por demais o vinho e bebe até à embriaguez. Diverte-se então a exhibir-nos a sua força e deixa-nos prendê-lo de pés e mãos ao leito, com cordões de seda, que ele rompe de um salto.

Chegamos a triplicar as voltas de cordão, mas ele rompe-os sempre. Talvez misturando as cordas de cânhamo com os cordões de seda ele não possa libertar-se. Ver-nos-emos neste preciso lugar daqui a dez dias.

Ouyang reuniu os seus homens e partiu precipitadamente, pronto a reunir bebida, laços e vitualhas. Na data marcada o general apareceu com os produtos requeridos. As cativas deram algumas instruções, mostrando uma gruta na falésia:

— É ali que ele guarda as reservas de víveres. Encontrareis lá dentro um bom esconderijo onde podereis dissimular-vos até que façamos sinais para saírem. Vamos deixar junto das flores o vinho e os cães assados e vejamos o que acontece.

Assim fizeram e meteram-se no esconderijo, atentos e retendo a respiração. A meio da tarde algo desceu do alto da montanha, como se voasse, ondulando como uma peça de seda branca e, pousando, entrou na gruta de rompante. Pouco depois veio até à porta, apertando contra si um bando de mulheres, um homem alto de mais de seis pés, de bela barba encaracolada, cor de seda crua. À vista dos cães, num instante os desfez em bocados e com eles se regalou enquanto as mulheres, rindo e galhofando, o encorajavam a beber em largas taças de jade. Tinha já esvaziado muitas dezenas de taças quando elas o levaram cambaleando. Ouviram-se ainda pela tarde adiante rumores de risos e outros júbilos. Estava o sol no ocaso quando as cativas chamaram os guerreiros. Ouyang entrou então à frente das suas tropas e viu o enorme Macaco Branco amarrado ao leito pelos quatro membros, inerte de bebedeira. À vista dos intrusos, a fera debateu-se sem conseguir libertar-se, os olhos fulgurando como raios. As armas precipitaram-se sobre ele, todas juntas, mas era como se se abatessem sobre ferro ou pedra. No fragor do ataque só a lâmina de um punhal curvo, manobrada agilmente pelo pequeno escudeiro que dera o alarme, pôde penetrar algumas polegadas abaixo do umbigo, no único ponto vulnerável do corpo, de onde o sangue golfou

bruscamente em abundância. Então o Macaco Branco soltou um imenso suspiro e disse:

— Morro pela vontade do Céu e não pelo teu valor, oh tu que te socorreste da manha feminina para me derrotares! Mas a tua mulher já está grávida! Não mates o seu filho, ele será o orgulho do teu clã e ganhará a confiança de um grande Imperador.

Ditas estas palavras, soltou o último suspiro.

Inventariaram o tesouro, uma nunca vista acumulação de vasos preciosos e objectos raros, cuidadosamente expostos em mesas e consolas. Nada faltava do que é apreciado neste mundo. Encontraram vários galões de incenso da melhor qualidade e duas espadas de indescritível beleza. As trinta formosas mulheres que ali se encontravam contaram que, mal a beleza delas se desvanecia, a fera as fazia desaparecer sem que se soubesse para onde.

— Ele era o único senhor que servíamos; nunca lhe conhecemos cúmplice ou companheiro — disseram. — Pela manhã tomava banho, enfiava um colete, vestia uma túnica ampla e punha um chapéu. Não usava senão roupas de leve seda branca, tinha o corpo coberto de um velo de pêlos claros e compridos e ignorava o frio ou o calor. Tinha o hábito de ficar longas horas no seu quarto, lendo tabuinhas de madeira cobertas por uma escrita parecida com caracteres sigilares, mas para nós incompreensíveis. Quando acabava, arrumava-as numa prateleira escavada no rochedo.

Quando o tempo estava bom, saía e treinava-se a manejar o par de espadas que voavam num turbilhão de relâmpagos por cima dele, forjando um disco de luz semelhante à lua.

A sua alimentação era muito variada e, à parte a sua predilecção pela carne de cão, comia frutos frescos, nozes e avelãs. Desaparecia quando o sol passava o zénite do meio-dia, percorria vários milhares de léguas em idas e vindas, trazendo tudo quanto um homem podia desejar. Voltava sempre ao anoitecer, mas não dormia: debatia-se em todos os leitos, gozando as suas mulheres uma de cada vez. Apesar do seu aspecto simiesco, era erudito, falava com eloquência e a sua inteligência era magnífica e penetrante.

No último Outono, quando as folhas cor de bronze começaram a cair, subitamente deixou escapar este lamento: “Fui denunciado pelo Deus da montanha e decerto vou ser condenado à morte. Talvez sobreviva se granjear a protecção de todas as criaturas sobrenaturais.”

Depois da lua cheia no mês passado, os seus livros em tabuinhas arderam na prateleira de pedra. Ele pareceu muito perturbado e desabafou: “Vivi mil anos sem descendência. Agora que espero um filho, eis que chega o momento da minha morte.” Assim falando, contemplava as suas mulheres com os olhos rasos de água. E comentou finalmente: “Esta montanha está isolada de tudo, nunca qualquer homem aqui chegou. Tão longe quanto pode abranger o olhar, nunca vimos sequer um lenhador. Os bosques estão infestados de tigres, lobos e outros inomináveis animais ferozes, quem aqui chegaria, se não fosse essa a vontade do Céu?”

Ouyang He partiu, levando os tesouros e distribuindo no caminho as mulheres que conservavam ainda a memória das famílias. No tempo devido, a esposa deu à luz um rapaz que se parecia com o pai, segundo se dizia.

O bravo general haveria de ser executado tempos depois por ordem do imperador Wu da dinastia Chen. Mas o seu velho amigo Jiang Zong recolheu o filho sob o seu tecto, porque o estimava e admirava a sua inteligência discreta. E, assim, o menino escapou ao infortúnio. Na idade adulta revelou-se um fino letrado e bom calígrafo, tendo conhecido a celebridade no seu tempo, mas é tudo. Nada que recordasse as circunstâncias sobrenaturais do seu nascimento. Porém, numa coisa ele era mais hábil que o comum dos mortais: manejava com terrível perícia um velho *kurkhris* das montanhas, presente de um obscuro guerreiro que em adolescente fora escudeiro de sua mãe.

Anónimo da dinastia Tang, recontado por Qin Lan, em Macau, 29 de Setembro de 2001.

O SEGREDO DE SIE SIAO-NGO

Na Primavera do Ano Oito da Era da Harmonia Primordial, tendo findado um cargo em Jiangxi, tomei uma barca que se dirigia para Leste e resolvi parar em Jianye, para subir ao pagode do mosteiro conhecido por “Mausoléu de Faiança” com o intento de reencontrar um monge que a si mesmo chamou “Tudo-se-equivale”, um homem amante do estudo e da companhia dos sábios.

Foi, pois, com um misto de exaltação e ameno prazer que me sentei junto dele no Pavilhão do Poente, retomado a conversa deixada em suspenso na minha

石梁父 巫山

石梁父



黃龍城

歸風墓

海雲洞

走馬嶺

項禮寺

高鶴墓

三皇墓

金齊山

婆少壇

孔雀松

石魚山

石梁寺

蕭何墓

堂音觀

要冢

女冢

王爾廟

石梁

聖母廟

王母祠



東嶺

要蘭谷

王松峰

李真庵



絕牆



石梁父

石梁父



LITERATURE

última viagem. A brisa tépida trazia o perfume dos abrunheiros em flor. As nuvens delicadas, a doirada cintilação do rio, provocavam-me um indizível bem-estar. Depois de muitos poemas comentados e inúmeras taças de chá saboreadas, conhecendo a minha curiosidade por casos extraordinários, o meu amigo disse:

— Vês lá em baixo aquela donzela imóvel, olhando o rio?

Segui-lhe o gesto e vi na luz difusa do ocaso uma frágil figura feminina, que me pareceu nimbada de densa melancolia.

— É viúva — disse o monge. — Muitas vezes sobe até aqui, como que alucinada e mostra-me enigmas em doze caracteres. Até agora não os consegui decifrar.

Pedi-lhe então que os escrevesse para eu os analisar, mas, apoiado na balastrada e olhando o sol que declinava, o monge limitou-se a traçá-los no ar. Guardei silêncio e reflecti.

Ao chegar aos meus aposentos mandei um dos servos do mosteiro chamar a jovem. Em breve a tinha diante de mim. Era muito bela mas soluçava incessantemente. Finalmente conseguiu falar:

— Meu pai foi um abastado mercador de Yuzhang, de nome Sie. A minha mãe morreu quando eu tinha 8 anos e o meu pai casou-me com um dos seus homens de confiança, o bravo Duan Ju Zhen, capitão de uma tropa cujo principal ofício era ajudar alguns amigos da nobreza a endireitar o mundo. Com o meu pai partilhava aventuras, obscuros negócios e amor pela justiça. Meu pai tinha acumulado uma grande fortuna, em parte graças aos bons serviços e à protecção de Duan. Muita vez me deixavam com amas e serviçais e embarcavam, por longos meses, por esses vastos rios e lagos. Nessas ausências dediquei-me ao estudo, mais por vontade do que por necessidade, pois ninguém espera que a filha de um mercador seja letrada e dada às artes. Movia-me o desejo de agradecer ao meu pai, que não tinha outros filhos, é certo, mas também a secreta ambição de despertar o interesse do aguerrido Duan, que os céus me destinaram por marido.

Na Primavera dos meus catorze anos levantei os cabelos e comecei a usar os ornamentos próprios das mulheres casadas. Já não olhava para o meu marido como o amigo do meu pai e ansiava por que ele pousasse o seu olhar sobre mim. No regresso dessas longas viagens, pelas noites a dentro bebiam e conversavam. Muitas vezes esperei que despedissem hóspedes e

cantadeiras para, já madrugada, os vir saudar, mas ambos me acarinhavam como a uma filha e mandavam a ama deitar-me.

Uma dessas noites, em que eu, no meu quarto, sem poder dormir, fantasiava sonhos de Primavera, ouvi troar de vozes e tinir de armas. Traídos, meu pai e meu marido foram assassinados e todos os bens saqueados. Os sobrinhos do meu pai e os irmãos de Duan, embriagados, foram precipitados na torrente e os validos e serviçais todos chacinados. Fugi pela varanda, ferida numa perna e, com o coração ainda mais dilacerado, deixei-me flutuar semi-inconsciente, à deriva, rio abaixo. Pela noite dentro retomei conhecimento numa barça de pescadores que me recolheram.

Andrajosa e errante, mendigando comida, cheguei à subprefeitura de Shangyan, onde finalmente encontrei abrigo junto das monjas do Ermitério do Puro Despertar, anexo ao Mosteiro dos Frutos Sublimes.

Pude ali repousar e meditar, acarinhada pela virtude e compaixão das monjas.

Foi então que começaram os sonhos. No primeiro sonho vi meu pai. O seu rosto estava como que velado de tristeza. Com voz pausada disse-me: “O nome do meu assassino escreve-se com a grafia de ‘carro’. Transforma-se na do ‘signo do macaco’. Junta-se a de ‘plantas’, ‘porta’ e ‘leste.’”

Acordei com o coração oprimido e, deslumbrada pelo prodígio, escrevi o que meu pai em sonhos revelara. O que eu não faria para lavar a ignomínia da sua morte!

Na outra noite foi o meu marido que vi em sonhos e desde então não consigo conter as lágrimas. Enquanto ele pronunciava lentamente as sílabas de um novo enigma eu não podia tirar do meu pensamento que nunca tinha chegado a dizer-lhe quanto o amava. Sou tua esposa, dizia-lhe, mas ele parecia não me escutar e repetia: “O nome de quem me matou escreve-se: ‘fugir do meio do prado’, ‘um dia’, ‘homem’.

Incapaz de compreender, escrevi incessantemente as palavras sibilinas e andei por aí a mostrá-las a todos os letrados, mas até agora sem qualquer sucesso.

— Tudo me parece muito claro — disse eu. — O assassino de teu pai chama-se Shen Lan 申蘭 e o do teu marido Shen Chun 申春. Retirados os dois traços horizontais do carácter ‘carro’ 車, obtém-se Shen, o nono dos ramos terrestres, o ‘macaco’. E ‘a porta sob as ervas’ 門草, com o ‘leste’ 東 a meio do carácter, não é pois aquele que se pronuncia Lan?

LITERATURA

Quanto a ‘fugir do meio do prado’, é atravessar os campos e ultrapassá-los. Ora se o traço vertical do meio do ‘campo’ 田 o ultrapassa, obtém-se mais uma vez Shen. ‘Um dia’ 一日 e ‘homem’ 夫, recompostos, dão o carácter Chun, que quer dizer Primavera. Não tenho dúvidas que o assassino do teu pai se chama Shen Lan e o do teu marido Shen Chun.

Desfeita em pranto, Siao Ngn escreveu cuidadosamente os nomes, tal como eu lho ditava. Agradeceu-me polidamente e despediu-se, não sem antes me ter perguntado o meu nome e apelido.

Soube depois que lhe estavam reservadas as mais extraordinárias aventuras. Pois logo a seguir abandonou o mosteiro vestida de homem e deambulou pelas pousadas e casas de chá de todos os portos e ancoradouros, indagando discretamente. Um ano depois chegou a Xunyang, na margem direita do Yangzi, e viu um painel afixado sobre uma armação de bambu com estas palavras: “Contratam-se funcionários”. Bateu à porta da mansão e perguntou pelo senhor da casa. Era Shen Lan!

O coração emperdido pelo desejo de vingança emprestava ao semblante de Siao Ngo uma sobriedade, um desprendimento das coisas do mundo que cativou a confiança do bandoleiro. Poeira de incontáveis jornadas, ardor do Sol e ventos de intempérie tinha-lhe crestado o rosto, desfigurado a protegida menina de seu pai. Os anos que passara entregues ao estudo, enquanto outras da sua idade se entretinham com frivolidades, valeram-lhe um lugar privilegiado entre os rudes homens de Shen Lan. Também este se rendeu à sua discrição e imparcialidade. Em breve tinha todas as chaves do tugúrio e da torre dos bens e o cargo de administrador. Pagava salários, guardava os tesouros, fazia as partilhas dos saques.

Assim passaram dois anos. Pelo seu ascetismo e seriedade, manteve-se afastada de todas as diversões, de todas as amizades. Nos seus magros ombros, sempre curvados sobre os ábacos e os rolos das contas, ninguém soube ver qualquer graça feminina, e as sobancelhas, que deixara de pintar em forma de folha de caneleira, cresciam livres e firmes como uma pincelada ascendente. Como única distração viam-na pelas madrugadas treinar *tai chi* no pátio dos seus aposentos.

Os jades, as sedas, os preciosos brocados, as jóias, as armas valiosas, tudo lhe passava pelas mãos. Assim descobriu, entre muitas outras, peças que lhe eram familiares, roubadas de casa de seu pai. Nas noites de

insónia, assaltada pelas recordações, subia os soturnos degraus da torre-forte para tocar com as mãos trémulas os objectos ainda impregnados da atmosfera da casa da sua infância, arcas e jarrões onde ainda parecia vibrar o eco perdido das vozes do pai e do noivo. Aí chorava em segredo as lágrimas que retinha à luz do dia.

Shen Chun, o primo e companheiro de atrocidades e folias de Shen Lan, vivia naquele tempo com a família na Baía da Árvore Solitária, ao norte, na margem oposta do vasto rio, o que permitia estreitas relações com Lan. Acontecia embarcarem juntos e voltarem um mês depois carregados de riquezas. Siao Ngo e Dama Lan ficavam de guarda à casa, cada qual no seu posto, a guardiã do tesouro na sua torre e a esposa orientando o seu bando de serviçais e concubinas.

Um dia, um formoso mercador do Sião, que conhecia bem de várias frutuosas transações, disse, olhando-a nos olhos, enquanto os servos desenrolavam deslumbrantes tapetes:

— És sério como um bonzo, meu jovem amigo, mas essa excepcional sabedoria talvez não chegue para te proteger, pois és frágil como uma donzela. Vou dar-te um presente. Se cuidares dele e aprenderes a sua linguagem, será o mais fiel dos amigos. Pôs sobre a mesa um estojo aberto, onde um *kurkhris* das montanhas do Nepal brilhava como uma jóia.

Siao viu nisso mais um ditame do Céu e manteve a arma junto a si, afiada e muda como as presas de um felino adormecido.

Numa luminosa manhã primaveril Chun chegou bem provido de vinhos e iguarias, entre as quais uma bela carpa mosqueada que levou para a cozinha. Ele próprio era cozinheiro exímio e prezava os elogios do primo e de Dama Lan. Era um jovem bem parecido e de trato jovial, ao olhar o seu altivo semblante ninguém lhe atribuiria a turbulenta vida de fora-de-lei.

O falso administrador, aliás, a jovem viúva Siao sabia que se seguiria uma longa noite de folguedos e disse para o seu punhal: se a penetrante inteligência do juiz Li decifrou o enigma dos meus sonhos, é porque o Céu lhe abriu o espírito; se o mercador te pôs nas minhas mãos, é porque o Céu acha que chegou a hora. Que o destino se cumpra!

Nessa noite, todo o bando se juntou em volta dos dois primos, as cantadeiras capricharam no carmim das faces e no arco das sobancelhas e afinaram pipas e *erhus*. Todos bebiam sem moderação e não estranharam

LITERATURE

que Siao se mantivesse muda no seu canto, pois a sobriedade era o seu natural modo de ser. Aos primeiros alvares do dia, os convivas retiram-se cambaleantes, deixando Chun embriagado, estendido como morto no tapete da sala, e Lan dormitando ao fresco na varanda. Siao fechou o mais novo no interior. Trancando as pesadas portas, saiu para a varanda sobre o rio e, pedindo perdão ao seu punhal por macular a lâmina cintilante, cortou a garganta ao mais velho, gritando pelo auxílio dos servos que lhe eram fiéis, que logo acorreram e aproveitaram para saquear os saqueadores!

Chamado o Prefeito de Xunyang, o nobre Senhor de Zhang, Siao forneceu a lista dos salteadores e os nomes das famílias roubadas, entre as quais se contava a sua.

O Prefeito tomou posse das riquezas apreendidas, elogiou a coragem e determinação da vingadora e mandou gravar uma estela contando o feito, como exemplo de piedade filial e amor conjugal. Assim, foi a jovem agraciada e ilibada. Era o princípio do Verão, no Ano Doze da era da Harmonia Primordial.

A viúva ergueu a cabeça, endireitou os ombros, devolveu o corpo à carícia das vestes de seda, voltou a depilar e pintar as sobrancelhas, realçou os lábios com carmim. Rica e famosa regressou à sua terra, onde distribuiu o que restava dos seus bens por parentes e necessitados. Os mais ilustres clãs disputaram a sua mão, mas ela tinha jurado não voltar a casar.

Fez-se tonsurar e vestiu-se de burel. Firme na sua busca da Via, não se poupava a duras penitências, apanhava lenha nos bosques e, ao vento e à neve, moía o cereal.

Na Quarta Lua do Ano Treze foi ordenada no mosteiro da Nova Era, em Sizhou.

No Verão desse ano, de regresso a Chang'an o meu caminho atravessava o rio Si e passei pelo mosteiro da Boa Justiça para visitar a eminente monja Ling Cao. Várias discípulas tinham acabado de ser ordenadas. Recém-tonsuradas, rodeavam a mestra, imaculadas nas suas vestes brancas, dignas e silenciosas. Ouvei então uma delas dirigir-se à mestra:

— Este Mandarim não será o ilustre Juiz Li de Hongzhou, o 23º Senhor da sua linhagem?

— Sim, é de facto sua excelência o Juiz Li. Foi ele que mudou a minha vida, permitindo que eu vingasse a minha família. Graças a ele, lavei a vergonha e reparei a injustiça que foi feita aos meus.

Mais tarde contou-me a dura vida que levava desde o nosso anterior encontro. Tinha jurado prosseguir no caminho do Talqualismo, única doutrina que a podia proteger de si mesma. Armada das Cinco Virtudes — Bondade, Justiça, Compaixão, Sabedoria e Sinceridade —, renunciara às jóias e aos sumptuosos estofos de seda, ao sal e ao mel da vida, nunca pronunciando a mínima palavra que fosse contrária à disciplina e à meditação.

Dias depois anunciou-me que regressava ao Mosteiro do Monte Cabeça de Touro. Despedi-me dela com carinho e piedade, porque, sob o manto da ascese, só eu vislumbrara o terrível segredo que consumia ainda o seu coração. Dizem que os deuses não são cegos. Será que por vezes fingem ignorar as humanas fraquezas? Estou crente que ela tinha a força de carácter e a inteligência necessárias para sarar a secreta ferida. Vi-a partir numa barca, no lento deslizar da ribeira Huai, como uma nuvem vogando a caminho do Sul.

A pergunta que nunca pronunciei pairava na minha mente quando os nossos olhos se cruzaram pela última vez: Sie Siao Ngo, porque entregaste Chun ao rigor da justiça oficial e reservaste a garganta de Shen Lan para a ferida em meia-lua do teu punhal? Mas com essa interrogação muda, eu não punha sequer em causa a sua diamantina virtude.

Assim sendo, resta-me divulgar este poema que um fidalgo letrado escreveu para ela:

“Alta virtude é a firmeza de um juramento
Alto o valor de quem vingou o pai e o esposo.
Ao lado de guerreiros, manter oculta a
feminilidade
É nobre força da alma, sublime e árdua
fidelidade.”

Li Gongzuo, ano 805 da nossa era, e Qin Lan, em Macau, dia 7 de Setembro de 2001. **RC**